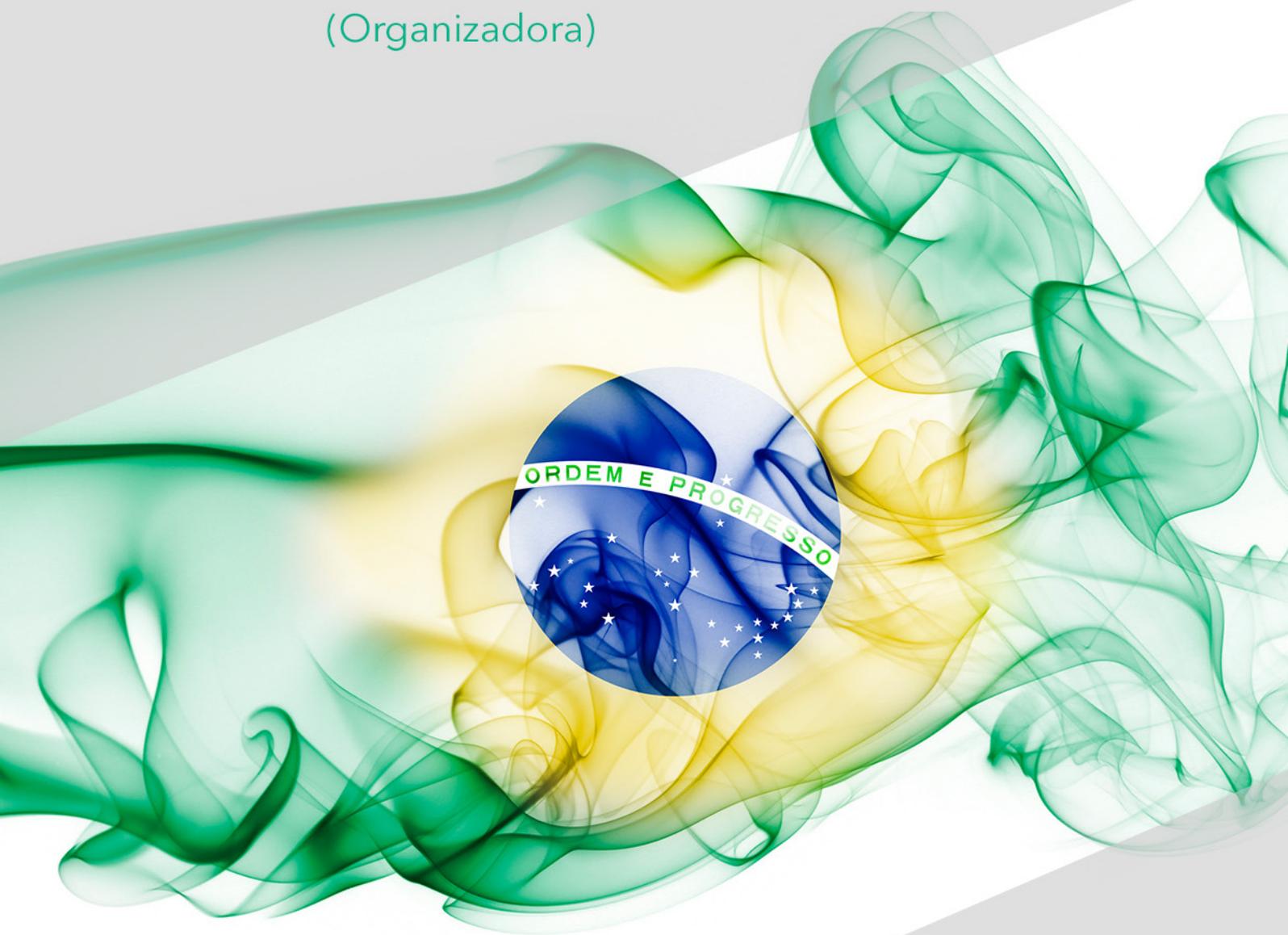


Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico 5

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)



Atena
Editora

Ano 2018

Luciana Pavowski Franco Silvestre
(Organizadora)

**Políticas Públicas no Brasil: Exploração e
Diagnóstico**
5

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas no Brasil [recurso eletrônico] : exploração e diagnóstico 5 / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. – (Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-063-6

DOI 10.22533/at.ed.636192201

1. Administração pública – Brasil. 2. Brasil – Política e governo.
3. Planejamento político. 4. Política pública – Brasil. I. Silvestre,
Luciana Pavowski Franco. II. Série.

CDD 320.60981

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book “Políticas Públicas no Brasil: Exploração e Diagnóstico” apresenta 131 artigos organizados em sete volumes com temáticas relacionadas às políticas de saúde, educação, assistência social, trabalho, democracia e políticas sociais, planejamento e gestão pública, bem como, contribuições do serviço social para a formação profissional e atuação nas referidas políticas.

A seleção dos artigos apresentados possibilitam aos leitores o acesso à pesquisas realizadas nas diversas regiões do país, apontando para os avanços e desafios postos no atual contexto social brasileiro, e permitindo ainda a identificação das relações e complementariedades existentes entre a atuação nos diferentes campos das políticas públicas.

Destaca-se a relevância da realização de pesquisas, que tenham como objeto de estudo as políticas públicas, bem como, a disseminação e leitura destas, visando um registro científico do que vem sendo construído coletivamente na sociedade brasileira e que deve ser preservado e fortalecido considerando-se as demandas de proteção social e de qualificação da atuação estatal em conjunto com a sociedade civil em prol da justiça social.

Boa leitura a todos e todas!

Dra. Luciana Pavowski Franco Silvestre

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO E AÇÕES NO PET-SAÚDE DA UFBA PARA PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	
<i>Márcia Santana Tavares</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6361922011	
CAPÍTULO 2	10
A ATUAÇÃO DO ASSISTENTE SOCIAL NA EQUIPE MULTIDISCIPLINAR DE UMA COMARCA DO AGRESTE PERNAMBUCANO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA NO JUDICIÁRIO	
<i>Mariana Lira de Menezes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6361922012	
CAPÍTULO 3	20
A DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO ECONÔMICO COMO FERRAMENTA DE AVALIAÇÃO DE DESEMPENHO EM UM HOSPITAL PÚBLICO ADMINISTRADO POR ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE SAÚDE	
<i>Antônio Horácio Fernandes da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6361922013	
CAPÍTULO 4	37
A INSERÇÃO DO NEUROPSICÓLOGO EM POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O TRATAMENTO DE INDIVÍDUOS COM TDAH	
<i>Maria Laís Costa Campos</i>	
<i>Roseanne Cristina Bressan Almeida</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6361922014	
CAPÍTULO 5	47
A LUTA PELO DIREITO À SAÚDE A PARTIR DO SURTO DE INFECÇÃO POR MICOBACTÉRIA	
<i>Maria Carlota de Rezende Coelho</i>	
<i>Rosangela Alvarenga Lima</i>	
<i>Silvia Moreira Trugilho</i>	
<i>Maristela Dalbello - Araujo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6361922015	
CAPÍTULO 6	59
A POLÍTICA DE SAÚDE BRASILEIRA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS ORGANIZAÇÕES SOCIAIS	
<i>Debora Holanda Leite Menezes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6361922016	
CAPÍTULO 7	70
A REORIENTAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE NO CUIDADO DA MULHER NO CICLO GRAVÍDICO-PUÉRPERL NA PERSPECTIVA DA PROMOÇÃO DA SAÚDE: FERRAMENTAS PARA POTENCIALIZAR A CAPACIDADE DE ESCUTA DA MULHER E DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE	
<i>Cristiane Medeiros dos Santos</i>	
<i>Débora Holanda Leite Menezes</i>	
<i>Juan da Cunha Silva</i>	
<i>Neusa Iara Andrade dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6361922017	

CAPÍTULO 8 78

AUDITORIA POR RESULTADOS: PROGRAMA FARMÁCIA POPULAR DO BRASIL E A FILOSOFIA DA MELHORIA CONTINUA

Adriana Nascimento Santos Cartaxo

DOI 10.22533/at.ed.6361922018

CAPÍTULO 9 97

CONTRIBUIÇÕES DO ENFERMEIRO PARA O EMPODERAMENTO DA GESTANTE NO PROCESSO DE PARTURIÇÃO NATURAL

Mara Julyete Arraes Jardim

Andressa Arraes Silva

Lena Maria Barros Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.6361922019

CAPÍTULO 10 109

COTIDIANO DE MULHERES COM DOENÇA ARTERIAL CORONARIANA: UMA PERSPECTIVA DE GÊNERO

Bruna da Silva Oliveira

Yana Thalita Barros de Oliveira Castro

Líscia Divana Carvalho Silva

Patrícia Ribeiro Azevedo

Andrea Cristina Oliveira Silva

Marli Villela Mamede

DOI 10.22533/at.ed.63619220110

CAPÍTULO 11 120

DESAFIOS PARA A DESINTERNAÇÃO DE PORTADORES DE TRANSTORNO MENTAL EM CONFLITO COM A LEI

Maria Laís Costa Campo

Greyce Kelly Cruz de Sousa França

Paulo Guilherme Siqueira Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.63619220111

CAPÍTULO 12 130

INTERNAÇÕES POR CONDIÇÕES SENSÍVEIS À ATENÇÃO BÁSICA 2009 A 2014: INSTRUMENTO DE AUXÍLIO PARA POLÍTICAS PÚBLICAS EM SAÚDE NA REGIÃO NORDESTE

Francilene Jane Rodrigues Pereira

Cesar Cavalcanti da Silva

Eufrásio de Andrade Lima Neto

DOI 10.22533/at.ed.63619220112

CAPÍTULO 13 139

MOVIMENTO DE REFORMA PSIQUIÁTRICA: VITÓRIA LEGAL E ENFRAQUECIMENTO DAS LUTAS SOCIAIS

Rafael Britto de Souza

Isabella Nunes de Albuquerque

Claudia Teixeira Gadelha

Lúcio Flávio Gomes de Lima

DOI 10.22533/at.ed.63619220113

CAPÍTULO 14 148

O DIÁLOGO NECESSÁRIO ENTRE AS POLÍTICAS DE SEGURIDADE SOCIAL: A EXPERIÊNCIA DO TRABALHO DAS ASSISTENTES SOCIAIS NO SERVIÇO DE TRANSPLANTE HEPÁTICO DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO WALTER CANTÍDIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

Fernanda Maia Gurjão
Mariana Lima dos Reis
Mariana Carla Saraiva Monteiro
Maria de Fátima Sousa Lima de Carvalho
Lucia de Fátima Rocha Bezerra Maia

DOI 10.22533/at.ed.63619220114

CAPÍTULO 15 158

O TRABALHO DE ASSISTENTES SOCIAIS EM HOSPITAIS JUNTO A IDOSOS E SEUS ACOMPANHANTES E A QUESTÃO DA SUA INSTRUMENTALIDADE

Ana Paula Rocha de Sales Miranda
Patrícia Barreto Cavalcanti
Carla Mousinho Ferreira Lucena

DOI 10.22533/at.ed.63619220115

CAPÍTULO 16 166

OFERTA E FINANCIAMENTO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE EM TERESINA- PIAUÍ

Leila Leal Leite

DOI 10.22533/at.ed.63619220116

CAPÍTULO 17 177

POLÍTICAS DE SAÚDE PARA GESTANTES USUÁRIAS DE CRACK: RESULTADOS EM SOBRAL-CE

Leandro Fernandes Valente
Antonia Sheilane Carioca Silva
Andressa de Oliveira Gregório
Heliandra Linhares Aragão
Mônica dos Santos Ribeiro
Patrícia Thays Alves Pereira

DOI 10.22533/at.ed.63619220117

CAPÍTULO 18 185

PRECARIZAÇÃO DOS SERVIÇOS DE SAÚDE E SUAS IMPLICAÇÕES NO PROCESSO DE TRABALHO EM SAÚDE NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE EM FORTALEZA

Jamyle Martins de Sousa
Luana Pereira do Nascimento Lima
Elane Cristina Matias Sousa
Olney Rodrigues de Oliveira
Lucia Conde de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.63619220118

CAPÍTULO 19 196

REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DA INTERDISCIPLINARIDADE NAS POLÍTICAS DE SAÚDE MENTAL

Mayara Ceará de Sousa
Herta Maria Castelo Branco Ribeiro

DOI 10.22533/at.ed.63619220119

CAPÍTULO 20	206
RESIDÊNCIAS TERAPÊUTICAS: UMA POLÍTICA PÚBLICA COMO EXPRESSÃO DA LUTA ANTIMANICOMIAL	
<i>Sâmia Luiza Coêlho da Silva</i>	
<i>Lucia Cristina dos Santos Rosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.63619220120	
CAPÍTULO 21	218
TRANSFORMAÇÕES SOCIETÁRIAS, DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE E SUA RELAÇÃO COM O TRABALHO DO/DA ASSISTENTE SOCIAL	
<i>Thiago de Oliveira Machado</i>	
<i>Tatiane Valéria Cardoso dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.63619220121	
SOBRE A ORGANIZADORA	228

COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO E AÇÕES NO PET-SAÚDE DA UFBA PARA PREVENÇÃO E COMBATE À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Márcia Santana Tavares

Assistente Social, Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia, Professora Adjunta do Curso de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Mulher e Relações de Gênero (NEIM/UFBA) e membro do Observatório pela Aplicação da Lei Maria da Penha (OBSERVE/NEIM/UBA).

RESUMO: Este artigo compartilha uma experiência de formação de alunas/os e preceptoras do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-Saúde da Universidade Federal da Bahia, na comunidade do Calabar, em Salvador/Ba, no período 2012-2014. Mais precisamente, relata a experiência de formação e sua influência no planejamento e realização de ações de prevenção e combate à violência contra as mulheres, que envolveu a participação de discentes e docentes de diferentes cursos da universidade, de modo a imprimir ao projeto uma perspectiva de gênero e interdisciplinar na abordagem das multicausalidades da violência contra as mulheres.

PALAVRAS-CHAVE: PET-Saúde; Gênero; Interdisciplinaridade; Formação Acadêmica.

ABSTRACT: this article shares an experience of formation to students and governesses of the Program of Education to the Job of the Health –PET-Health– of the Federal University of Bahia, in community of Calabar in Salvador/BA in 2012-2014 period. More accurately, it relates the experience of formation and your influence on the planning and realization of actions of prevention and combat to violence against woman, wich has involved the participation of students and teachers of different courses of the University, imprinting to the project a perspective of gender and interdisciplinary on the approach of the multcasualties of violence against woman.

KEYWORDS: PET-Health; Gender; Interdisciplinarity; Academic Formation.

1 | NOTAS PARA INSERIR A DISCUSSÃO DE GÊNERO NO PET-SAÚDE

Neste artigo, a partir da minha experiência como tutora no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-Saúde na Universidade Federal da Bahia, pretendo socializar atividades de formação voltadas para estudantes de graduação e preceptoras, para atuarem na prevenção e combate à violência contra as mulheres, na comunidade do Calabar, em Salvador/BA. O trabalho foi estruturado da

seguinte forma: Inicialmente, teço considerações sobre o Programa, justifico a escolha da comunidade e o foco das ações. Em seguida, discuto os caminhos metodológicos, com ênfase nas atividades de capacitação e as ações decorrentes do processo coletivo e interativo, dificuldades enfrentadas e estratégias adotadas, bem como apresento os resultados alcançados até o presente momento. Nas considerações finais, aponto alguns desafios para implementação de novas ações e para fortalecer a aproximação com as moradoras/es e o seu engajamento no próprio processo de prevenção e combate à violência contra as mulheres.

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-SAÚDE), instituído pela Portaria Interministerial MS/MEC nº. 1.802/08 tem como principais objetivos fomentar a formação de grupos de aprendizagem tutorial no âmbito da Estratégia Saúde da Família, promover programas de aperfeiçoamento e especialização em serviço dos profissionais da Saúde, bem como proporcionar a iniciação ao trabalho, estágios e vivências aos estudantes. Para tanto, o programa oferece como incentivo o pagamento de bolsas para tutores, preceptores (profissionais que atuam nos serviços) e estudantes de graduação da área da saúde. (BRASIL, 2009).

Quando o edital 2012 foi lançado, encaminhei uma proposta que tinha como eixo central a violência contra as mulheres, já que desde 2010 atuo no Observatório pela Aplicação da Lei Maria da Penha – OBSERVE, sediado no Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM/UFBA, em estudos e atividades de monitoramento sobre as condições dos serviços e os desafios para a implementação da Lei, cujos resultados revelam, dentre outras coisas, o desconhecimento das mulheres soteropolitanas sobre a tipologia da violência, os direitos assegurados pela Lei e os serviços que compõem a rede de proteção.

Na ocasião, escolhi como local das ações a comunidade do Calabar, que fica situada no entorno do campus de São Lázaro, onde ficam a sede do NEIM e o curso de Serviço Social no qual sou professora. A minha intenção era fomentar uma maior integração entre a universidade, a comunidade e os serviços disponíveis na área.

Na comunidade, localizada entre o Alto das Pombas e os bairros de classe média de São Lázaro e Ondina, Morro do Gato e Jardim Apipema, residem cerca de 22.000 famílias de baixa renda, afrodescendentes, sem acesso à infraestrutura e saneamento básico, além de outros serviços sociais. Além disso, pude observar que o campus é utilizado pelos moradores adultos como passagem para o bairro de São Lázaro, enquanto as crianças e adolescentes caçam passarinhos ou sobem nas mangueiras sob o olhar censor dos vigilantes. Isso porque, conforme esclareço em outro momento:

Durante muito tempo, a imagem do Calabar foi associada à violência, intensificada pelo tráfico de drogas e brigas de gangues rivais, o que contribuiu para estigmatizar os moradores que, mesmo ao preencherem fichas para atendimento na Unidade de Saúde do Bairro, costumavam omitir o endereço residencial, informando o nome do bairro mais próximo, segundo informações de uma das preceptoras, que é enfermeira na USB. No entanto, desde 2011, a implantação da 1ª Base Comunitária de Segurança, inspirada nas Unidades de Polícia Pacificadora – UPP's do Rio de

Todavia, a violência contra as mulheres nas relações conjugais permanece envolta em um pacto de silêncio, ou seja, as desavenças entre os casais remetem ao âmbito privado e, casos mais graves são tratados por meio de aconselhamento de grupos religiosos ou palestras promovidas pela Base Comunitária, sem uma ação mais efetiva que assegure às mulheres orientação sobre as modalidades de violência a que são submetidas, quais os serviços de proteção e os direitos assegurados pela Lei Maria da Penha, informações relativas à rede de atendimento ou mesmo encaminhamento aos serviços, o que me convenceu a tomar como eixo das ações do PET-Saúde a violência contra as mulheres, extrapolando o âmbito doméstico e familiar (TAVARES, id.).

Por outro lado, atuar como professora-tutora de um grupo do PET-Saúde implicava em coordenar um grupo de estudantes de graduação, em parceria com preceptoras (profissionais da unidade de saúde), conferindo complementaridade ao seu processo de formação acadêmica, mediante a promoção de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Ao esboçar o anteprojeto do PET, pensei: Como a minha formação em Serviço Social e o meu interesse como pesquisadora das questões de gênero e da violência contra as mulheres poderia contribuir para fomentar uma atuação coletiva e interdisciplinar desde o planejamento à execução das ações?

Decidi, então, incentivar o desenvolvimento de uma ação de cunho sócio-educativo, de modo a ampliar o olhar das/os estudantes e preceptoras no tocante a marcadores sociais que se intersectam e contribuem para o crescimento da desigualdade social, com ênfase na violência contra as mulheres, a qual se constitui em um fenômeno recorrente na comunidade do Calabar. Neste sentido, era fundamental agregar à abordagem os aspectos sociais e culturais, ou seja, levar as/os discentes e as preceptoras a compreenderem as diferentes modalidades da violência contra as mulheres como uma questão de saúde pública.

Para tanto, as atividades foram planejadas coletivamente, tomando como base a realidade local, isto é, do bairro e da própria cidade. Assim, levei em conta as dificuldades enfrentadas pela saúde na capital baiana, em particular a redução/instabilidade de vínculo trabalhista do quadro funcional e de investimentos que tem contribuído para a precarização dos serviços prestados nas Unidades de Saúde da Família, refletindo-se na diminuição de usuários que buscam a USF, mas também no desestímulo de alguns profissionais, o que apontou para a necessidade de pensar diferentes estratégias para conquistar a adesão das preceptoras ao projeto, bem como abordar a temática e sensibilizar a população.

Além disso, não podia ignorar que as preceptoras (uma odontóloga e duas enfermeiras), assim como o grupo de alunos, oriundos de diferentes cursos (odontologia, psicologia, medicina, nutrição, enfermagem, serviço social, farmácia, fonoaudiologia), apresentavam noções sobre a violência contra as mulheres ora baseadas no senso comum, ora restritas às implicações decorrentes de agressões

físicas, o que indicava a necessidade de uma capacitação, uma vez que pretendia adotar uma perspectiva de gênero na abordagem da violência durante o processo interventivo.

Neste sentido, o primeiro passo seria introduzir as/os alunas/os e preceptoras na discussão acerca das questões de gênero e sobre a violência contra as mulheres, cujos instrumentos eu discutirei no próximo tópico.

2 | CAPACITAR PARA ENFRENTAR A VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO PET-SAÚDE

Pensar uma capacitação requer definir os objetivos a serem alcançados, neste caso, levar estudantes e preceptoras a reconhecerem que ser homem ou ser mulher não consiste em mero feito natural, biológico e, que sexo e gênero não são sinônimos. Então, fazia-se necessário introduzir a discussão sobre o termo gênero, referente a oposições que ultrapassam a anatomia, o sexo biológico de homens e de mulheres que, de fato, é diferente. Em outras palavras, revelar-lhes que o gênero se constitui em um produto social, aprendido, representado, institucionalizado e reproduzido de uma geração para outra, a partir do qual o poder é distribuído de forma desigual entre os sexos, fazendo com que as mulheres tenham uma posição subalterna na organização da vida social (SORJ, 1992), o que tem contribuído para a trivialização da violência doméstica e familiar, apesar das políticas de enfrentamento implementadas nos últimos anos.

Do mesmo modo, acreditava que a discussão de gênero, por sua vez, ajudaria estudantes e preceptoras a compreenderem a violência de gênero como qualquer forma de violência que, alicerçada na organização social dos sexos, é praticada contra pessoas, em virtude da sua condição de sexo ou orientação sexual. A violência perpetrada pelos homens contra as mulheres se apresenta diversa tanto histórica como numericamente, sua manifestação se revela não só como fenômeno estruturado, mas também como fator estruturante da organização social de gênero nas sociedades contemporâneas (SAFFIOTI & ALMEIDA, 1995).

Finalmente, a capacitação deveria abordar a importância de incorporar a perspectiva de gênero na formulação de políticas públicas. Conforme ressaltam Schmidt, Anhucci e Carloto (2005, s/p):

A construção de políticas públicas, sob a perspectiva de gênero, deve constituir-se em novas propostas, que vão contra aos modelos de dominação-exploração dos homens sobre as mulheres e que tais políticas, possam abrir caminhos de participação da mulher nos espaços públicos, não restringindo sua ação à esfera doméstica.

A constituição de políticas sociais demanda um grau de generalização para que um “problema social” seja elaborado. Entretanto, atualmente, torna-se essencial, nessa formulação, a complementaridade entre vários enfoques – gênero, classe, geração e

etnia – na compreensão das tramas sociais por onde se produzem e reproduzem as desigualdades, bem como se entrecruzam as demandas e possibilidades de acesso a direitos. Um exame da gestão social das questões de gênero, raça/etnia e geração entre outros marcadores sociais pode contribuir para o entendimento dessa questão (DELGADO & TAVARES, 2012).

Assim, esbocei um plano de capacitação, que envolvia leitura e discussão de textos e/ou de rodas de conversa com profissionais convidados, realizadas durante as reuniões quinzenais do grupo, na Faculdade de Enfermagem, mas também um minicurso sobre gênero e feminismo promovido na Faculdade de Filosofia, especialmente para as/os bolsistas do PET-Saúde e preceptoras.

As rodas de conversa contaram com a participação de professoras convidadas pelo grupo, a exemplo de Aldevina Santos e Natália Silveira, que discutiram temas como Tráfico de Pessoas e Despatologização da transexualidade, apresentando às/aos participantes noções gerais sobre cada tema, ao mesmo tempo em que ilustraram desde a omissão e o preconceito da sociedade, até a discriminação e pouco acesso a direitos, ou melhor, a fragilidade das políticas voltadas para determinados segmentos sociais.

Já no minicurso, intitulado de “Gênero, Violência e Hip Hop Feminista”, ministrado por Rebeca Sobral Freire, como atividade de tirocínio docente no doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres gênero e feminismo (PPGNEIM/UFBA), sob minha orientação, teve como objetivos proporcionar às/aos participantes uma melhor compreensão acerca da trajetória da construção do conceito de gênero como categoria analítica, histórica e relacional, a partir do diálogo interdisciplinar com as Ciências Humanas e os Estudos Feministas, ao fomentar seu uso na academia e no processo de intervenção social, dado seu significado teórico-metodológico e político, bem como identificar sua dinâmica e intersecção com outras categorias como sexualidade, geração, raça e etnia entre outras, diante dos paradigmas clássicos e contemporâneos. O curso foi constituído de três módulos, oferecidos nos finais de semana, de julho até agosto de 2013, na Faculdade de Filosofia, cuja sistematização resultou em um curta metragem.

A leitura e discussão de artigos científicos e relatórios de pesquisa sobre violência contra as mulheres, durante as reuniões de planejamento quinzenais ou na sede da USF, durante as atividades semanais, ofereceram o aporte teórico para abordarmos a temática com as mulheres do Calabar. Todavia, uma indagação permanecia: como capturarmos sua atenção? O encontro com o agente comunitário Clélio Araújo, que à época conduzia a rádio comunitária, levou-me a propor a criação de um programa de rádio, direcionado para as mulheres da comunidade. Assim surgiu o programa “*Essa mulher sou eu...*”, em alusão à canção popular, tocada incessantemente nos alto-falantes dispostos em postes da comunidade, que transmitiam a programação da rádio local. Em outro momento, explico que:

O programa de rádio aborda vários assuntos: dicas de saúde, horóscopo, resumo de novelas e notícias do dia, anúncios de emprego e/ou cursos de qualificação

profissional. Mas, traz também entrevistas e uma radionovela, cujo *script* é escrito pelas/os alunas/os, com a orientação das preceptoras e, sob a minha supervisão, discutido conjuntamente nas reuniões de planejamento, desde o tema ao conteúdo das reportagens e entrevistas, sempre associadas ao assunto discutido em cada capítulo da radionovela que, por sua vez, faz alusão a situações/acontecimentos frequentes em Salvador e no Brasil. (TAVARES, 2013)

Cabe ressaltar que, para abordar os temas propostos, as entrevistas eram realizadas com professoras/es da UFBA ou profissionais convidados, o que nos possibilitou ampliar a discussão. Assim, contamos com a colaboração de Cândida Ribeiro (Violência de Gênero); Josimara Delgado (Gênero e envelhecimento); Raimundo Gouveia (Homofobia); Laila Rosa (A violência nas músicas de pagode), inclusive eu, que fui entrevistada no primeiro programa e, na ocasião esclareci às/aos ouvintes sobre a questão de gênero (Gênero, o que é isso?). O programa apresentou também temas como violência familiar contra a criança e o adolescente, racismo, assédio moral e sexual no ambiente de trabalho, violência contra a pessoa idosa e *bullying* entre outros.

Ao mesmo tempo, a necessidade de provocar a reflexão sobre as diferentes modalidades de violência, levou o grupo a elaborar materiais complementares de caráter educativo e interativo: 1) Uma cartilha sobre combate à violência contra a mulher, em que se elaborou um material específico para a comunidade do Calabar, tanto no aspecto estético, quanto na forma de intervenção, recorrendo a uma linguagem acessível e ilustrações feitas pelos próprios membros do PET, com o objetivo de refletir os efeitos da violência, indicar formas de enfrentamento, bem como divulgar órgãos e instituições de apoio às vítimas, desenhada e escrita pelo grupo para trabalhar o tema com as moradoras. Esta cartilha foi impressa pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFBA e distribuída para os participantes do evento “UFBA em Paralaxe – no enfrentamento à violência de gênero”, que trouxe como tema A Violência de Gênero e a Universidade, realizado em dezembro de 2013; 2) foi também elaborada uma cartilha que discute *bullying*, para as ações com alunas/os das escolas da comunidade e do entorno, em que se procurou imprimir um caráter didático, mas também lúdico, mediante a utilização de história em quadrinhos, palavras cruzadas e caça palavras com informações referentes ao tema, de modo a levar as/os alunas/os das escolas visitadas a refletirem sobre suas condutas e resignificarem suas interações; 3) o grupo produziu ainda um folder sobre violência contra crianças e adolescentes, com o objetivo de orientar a Rede Educacional do Calabar sobre como identificar sintomas de violência e maus tratos nas/nos alunas/os, mas, também, fornecer informações sobre as modalidades de violência, quais as legislações que as/os protegem e a que instituições denunciar quando constatada a violência.

As atividades envolveram também as seguintes atividades: 1) A formação de um Grupo de Idosos, com o objetivo de estreitar laços com a comunidade, promover ações de educação em saúde no território e reconstituir a história do bairro a partir de diversas óticas, com foco na violência, cujos encontros são mensais. A ideia de criação do grupo partiu da observação de uma crescente população de idosos na comunidade,

com poucos espaços de lazer e interação; 2) a realização de rodas de conversa com mulheres sobre violência de gênero, em que eram discutidas situações corriqueiras nas relações conjugais, nem sempre interpretadas por elas como violência, mas também eram feitos questionamentos pelas participantes acerca dos direitos assegurados pela Lei Maria da Penha e a rede de atendimento, além de se constituir em um momento em que manifestavam dúvidas e desabafavam suas dores; 3) a realização de salas de espera na Unidade de Saúde, sobre temas como alimentação saudável, hipertensão, diabetes, tornando o período de espera pelas consultas médicas um momento de troca de experiências e socialização de informações; 4) o desenvolvimento da pesquisa “Que diferença da mulher o homem tem: traçados da Violência de gênero”, em que se buscou conhecer e analisar as percepções de homens e mulheres do Calabar sobre diferenças de gênero e violência contra a mulher, cujos resultados parciais foram apresentados na Mostra PET, em 2014; 5) a realização de encontros com alunos e mães da Escola Municipal Casa da Amizade, localizada nas adjacências da comunidade, visando a promoção de saúde e prevenção da violência no convívio social.

3 | PONDERAÇÕES PARA PRÓXIMAS INTERVENÇÕES

O grupo do Calabar teve como foco a violência contra as mulheres e, procurou abordar suas diferentes modalidades, de modo a esclarecer as moradoras sobre os seus direitos e orientá-las acerca da rede de atendimento e os serviços de proteção. Contudo, outras formas de violência também atingiam os membros do grupo familiar, o que me levou a ampliar o raio de discussão, estendendo-o para crianças, adolescentes e idosos. Neste sentido, o planejamento das atividades envolveu leituras, discussões sobre como prestar informações sem recorrer à linguagem técnica e/ou acadêmica, de modo a assegurar a compreensão do público alvo, mas também capacitar as/os estudantes quanto às questões de gênero e a tipologia da violência contra as mulheres entre outras questões.

A experiência com o grupo do PET se revelou um aprendizado contínuo a cada temática trabalhada. Ao mesmo tempo, percebi a necessidade de reforçar o espírito de grupo e determinação diante da dificuldade de alguns alunos conciliarem os horários das atividades de sala de aula com a monitoria, outros que solicitaram transferência e/ou deixaram o projeto em virtude da conclusão do curso de graduação, desestabilizando momentaneamente o grupo, o que exigiu readaptações e recomeços. No entanto, a vontade de acertar e contribuir para a melhoria das condições de vida da população, em particular, para que as mulheres do Calabar conhecessem os seus direitos e pudessem lutar pelos mesmos impeliu o grupo a superar quaisquer adversidades e, procurar aprender mais para oferecer à população atividades em consonância com as demandas da população.

Neste sentido, considero que a organização das atividades, os temas a serem

abordados e a escolha da metodologia mais adequada instigaram a criatividade, ao mesmo tempo em que fomentaram o desenvolvimento de um novo olhar sobre a realidade e, conseqüentemente, de uma nova prática. Em vários momentos, cada aluna/o-preceptora-tutora contribuiu com o seu saber, enriquecendo as discussões, o planejamento e execução de atividades de educação em Saúde da equipe de Saúde da Família da unidade, a exemplo das campanhas de prevenção ao câncer de mama, câncer de colo de útero e próstata e, a campanha de combate ao racismo e à valorização da população negra, em que o grupo conseguiu mobilizar as/os usuárias e conquistar sua adesão a caminhadas temáticas realizadas nas ruas da comunidade.

As/Os alunas/os, orientados pela tutora e preceptoras, também realizaram a pesquisa *“Que diferença da mulher o homem tem: traçados de violência no Calabar”* cujo tema foi proposto em conjunto. Cabe ressaltar que desde a construção do instrumento de coleta de dados houve participação de todos. O formulário foi aplicado dentro da unidade de saúde, com homens e mulheres frequentadores do serviço, cujo artigo que socializa os resultados se encontra em fase de elaboração.

As ações realizadas possibilitaram que os alunos desenvolvessem habilidades para participar de atividades educativas com vários setores da comunidade (Unidade de saúde, escolas, igreja, rádio comunitária), atingindo diferentes faixas etárias (da criança ao idoso), ao mesmo tempo em que provocaram um olhar ampliado sobre a realidade, pois conforme verbalizaram os alunos na reunião de avaliação final, ao se depararem em seus campos de estágio ou ouvirem relatos nas aulas sobre situações de violência contra as mulheres, percebem que sua compreensão sobre o fenômeno é diferenciada das/dos colegas, a leitura de gênero fornecendo-lhes um aprofundamento tanto acerca das multicausalidades desse fenômeno como dos dilemas e limitações dos serviços da rede de atendimento.

Certamente enfrentamos obstáculos, tais como a dificuldade em conciliar a carga horária dos alunos com as atividades planejadas, deficiências próprias do serviço (pouco espaço físico), a falta de recursos humanos no início e/ou a instabilidade de vínculos dos profissionais no serviço, superadas com o comprometimento do grupo no desenvolvimento das tarefas propostas e o envolvimento com o projeto de intervenção, cujo tema se mostra sempre atual, real e necessário para a comunidade em questão.

No último semestre de 2014, tivemos que suspender o programa de rádio, pois em virtude do período eleitoral, a rádio teve sua programação temporariamente suspensa. Todavia, o grupo não esmoreceu e, surgiram novas ideias, desta feita a formatação de um programa para a Internet, *“Nas Ondas da Net”*, com o qual pretendíamos socializar vídeos trazendo entrevistas com profissionais sobre diferentes temas. Os alunos construíram roteiros, alguns profissionais foram contatados, mas infelizmente não conseguimos gravar antes do encerramento do semestre letivo. O mesmo aconteceu com os artigos científicos, os alunos fizeram fichamentos, discutimos os resultados da pesquisa, mas, sentiram dificuldade em redigir o texto, que está sendo revisado por mim, para posterior publicação.

Neste sentido, compartilho com as/os alunas/os a opinião de que as atividades realizadas no PET devem ter continuidade, mesmo que o corpo de estudantes, preceptores e tutores seja alterado, pois assim garantiria mais eficácia nas ações, superação dos problemas iniciais e compromisso com a comunidade local, ou seja, proponho a continuação e expansão do Projeto, mediante a busca de novas parcerias, bem como a articulação com ONGs da comunidade e com professores da UFBA para projetos conjuntos.

Finalmente, cabe acrescentar que, em nossa última reunião de confraternização, a avaliação das/os alunas/os sobre as atividades na comunidade do Calabar demonstrou que se encontram mais preparados e amadurecidos para abordarem não só as questões de gênero como enfrentarem questões relacionadas às multicausalidades da violência contra as mulheres. Para mim/a tutora, preceptoras e alunas/os, o aprendizado mútuo, a parceria no enfrentamento dos contínuos desafios e a convivência ao longo do projeto nos levou a exercitar a criticidade, criatividade e democracia. Por isso, na ocasião, expressamos nosso contentamento em participar do projeto, que nos trouxe um grande crescimento no âmbito pessoal e profissional, revelando a importância de nos engajarmos na luta pela promoção de uma cultura da paz e pela saúde universal da população, mas também na luta pela quebra de paradigmas e a superação de preconceitos que impedem as mulheres de terem acesso a direitos e a proteção social.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. PET-Saúde. [2009] Disponível em: <http://www.prosaude.org/noticias/prosaude-maio2009/resumoPET-SAUDE-29-04-09.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2018.

DELGADO, Josimara; TAVARES, Márcia Santana. (TRANS)VERSALIDADES DE GÊNERO E GERAÇÃO NAS POLÍTICAS SOCIAIS: o lugar de mulheres e idosos. In: Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 25, n. 2 - Jul./Dez. 2012, p. 79-97.

SAFFIOTI, Heleieth; ALMEIDA, Suely Souza de. Violência de gênero: poder e impotência. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

SCHMIDT, Janaina Albuquerque de Camargo; ANHUCCI, Valdir & CARLOTO, Cássia Maria. Cidadania: Uma discussão sob a perspectiva de gênero. In: Serviço Social em revista. – v. 8, n. 1– Londrina: UEL, Jul/Dez 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v8n1.htm>. Acesso em: 24 ago. 2018.

SORJ, Bila. O Feminismo na Encruzilhada da Modernidade e Pós-Modernidade. In: COSTA, Albertina de Oliveira; BRUSCINI, Cistina. Uma Questão de Gênero. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, p. 15-21, 1992.

TAVARES, Márcia Santana. “ESSA MULHER SOU EU”: estratégias do PET-SAÚDE no combate à violência contra as mulheres em Salvador/BA. Anais do XIV Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais - Impactos da crise do capital nas políticas sociais e no trabalho do/a assistente social. Brasília: CFESS, 2013. [CD Rom].

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-063-6

